

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA MARIA URBANO

FORMAÇÃO DE PROFESSORES, RELIGIÃO E GÊNERO: APONTAMENTOS
SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO CONSTRUÍDAS POR
ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS DA UFPR

CURITIBA

2023

ANA MARIA URBANO

FORMAÇÃO DE PROFESSORES, RELIGIÃO E GÊNERO: APONTAMENTOS
SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO CONSTRUÍDAS POR
ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS DA UFPR

TCC apresentado ao curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Adriane Knoblauch

CURITIBA
2023

Dedico este trabalho a todas as professoras, estudantes e pesquisadoras,
àquelas que lutam todos os dias para tornar a escola brasileira um espaço de
equidade, laicidade, pluralidade e respeito.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho representa a conclusão de uma jornada. Ciclo este de muito trabalho, aprendizagens e descobertas. Estes cinco anos foram vividos de forma extremamente intensa, os quais eu pude vivenciar enquanto professora, acadêmica, estudante-trabalhadora e pesquisadora. Neste momento da escrita do trabalho de conclusão de curso, percebo que essa trajetória só foi possível de ser realizada porque ao longo dela estive cercada de pessoas que de algum modo, foram responsáveis pela construção da pedagoga que hoje sou. Gostaria de recordar aqui, aqueles que foram essenciais para essa jornada.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Iemanjá e Oxóssi e a todos os orixás e guias que me acompanham, conduzem, protegem e orientam em todos os meus caminhos. Obrigada por me ensinarem a florescer mesmo no mais intenso inverno e a recomeçar, quantas vezes for necessário.

Gostaria de agradecer à minha mãe Jussara, por todo o apoio, conversas, afeto e acolhimento, por me animar em todos os dias ruins. Seu carinho desperta o que há de melhor em mim. Agradeço ao meu pai Gilmar, por todo o auxílio prestado, que sua honestidade e seriedade sejam a minha bússola.

Quero agradecer também a professora Adriane Knoblauch, que acompanhou toda a minha jornada acadêmica, que me formou enquanto pesquisadora por meio dos três anos de Iniciação Científica sob sua orientação. Bem como, por toda a sua orientação e auxílio ao longo do processo de construção deste TCC.

À Emanoela Tereza de Mendonça Glatz, amizade construída na UFPR, gratidão por ser minha companheira nesta jornada, por sempre ter acreditado em meu potencial, com seu acolhimento em todos os momentos ao longo destes cinco anos.

Às minhas amigas Sara Ribas, Flávia Bevillacqua, Jupira Tarima, Maria Eugênia e Amanda Moreira, pela parceria estabelecida e pelos bons momentos vividos que trouxeram leveza e alegria para os meus dias!

Aos meus professores, por todo o aprendizado construído ao longo deste curso.

A todos vocês, a minha eterna gratidão.

“As ideias religiosas não nascem das crianças. São colocadas no corpo das crianças pelos adultos. Minha mãe me ensinou a rezar: ‘Agora eu me deito para dormir. Guarda-me, ó Deus, em teu amor. Se eu morrer sem acordar, recebe minh’alma, ó Senhor. Amém’. Resumo mínimo de teologia cristã: há um Deus, há morte, há uma alma que sobrevive à morte. Depois vieram outras lições: ‘Deus está te vendo, menino...’ Deus vira um Grande Olho que tudo vê e me vigia. Meu primeiro sentimento em relação a Deus: medo.” (ALVES, 2015, p. 28.)

RESUMO

O presente estudo intenta traçar algumas considerações a respeito de como ocorre a intersecção entre docência, religião e gênero por meio da análise das respostas a um questionário aplicado entre 2018 e 2019 aos estudantes das licenciaturas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) na cidade de Curitiba. Objetiva-se aqui delinear o perfil religioso de tais estudantes, assim como averiguar quais são as noções construídas por estes de religiosidade e espiritualidade e verificar o modo como estabelecem a relação entre ciência e religião. Os dados foram analisados a partir do recorte de gênero, com base nos estudos da sociologia e antropologia das religiões. As mulheres demonstraram-se mais engajadas no meio religioso do que os homens, bem como, atribuíram a si um nível maior de religiosidade e espiritualidade se comparado aos estudantes homens. Foi possível verificar também, que entre os estudantes homens e mulheres há inicialmente uma visão semelhante entre as relações entre ciência e religião no ambiente universitário, na qual a maioria percebe uma relação harmoniosa, contudo, ao analisar quais foram as justificativas atribuídas pelos universitários aos seus posicionamentos, o fator gênero e -consequentemente-, o nível de engajamento religioso foram determinantes nas perspectivas assumidas, em que mulheres optaram por uma postura de complementaridade e de sobreposição de saberes, enquanto os homens agiram com maior indiferença.

Palavras-chave: formação de professores; ciência; religião; docência; gênero.

ABSTRACT

The present study attempts to outline some observations regarding how the intersection between teaching, religion and gender occurs through the analysis of data collection carried out between 2018 and 2019 with undergraduate students at UFPR in the city of Curitiba. The purpose here is to verify the way in which male and female students establish the relationship between science and religion, through gender, to outline the religious profile of such students, as well as to ascertain what notions they construct of religiosity and spirituality. The investigation took place in a mixed way, by carrying out a dialogue between the data and authors who deal with the anthropology and sociology of religions. Women proved to be more engaged in religion than men, as well as attributing a higher level of religiosity and spirituality to themselves than male students. It was also possible to verify that among male and female students there is initially a similar view of the relationship between science and religion in the university environment, in which the majority perceive a harmonious relationship. However, when analyzing the justifications attributed by university students to their positions, the gender factor and - consequently - the level of religious engagement were determining factors in the perspectives taken, in which women opted for a position of complementarity and overlapping of knowledge, while men acted with greater indifference.

Keywords: teacher education; science; religion; teaching; gender.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - DIVISÃO DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS POR CURSO.....	19
GRÁFICO 2 - PARTICIPAÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES EM GRUPOS RELIGIOSOS.....	22

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CONTEÚDO DOS CARTÕES APRESENTADOS AOS ESTUDANTES NA PERGUNTA SOBRE CONSUMO DE MATERIAIS E PRÁTICAS RELIGIOSAS.....	25
---	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - AUTODECLARAÇÃO RELIGIOSA DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS EM PERCENTUAIS.....	20
TABELA 2 - PARTICIPAÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS EM GRUPOS RELIGIOSOS POR GÊNERO EM NÚMEROS ABSOLUTOS.....	23
TABELA 3 - FREQUÊNCIA AO LOCAL DE DEVOÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS POR GÊNERO EM NÚMEROS ABSOLUTOS.....	24
TABELA 4 - QUANTIDADE DE CONTEÚDOS RELIGIOSOS QUE FORAM CONSUMIDOS AO LONGO DO ANO DE 2018 INDICADA POR ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS A PARTIR DO RECORTE DE GÊNERO EM PERCENTUAIS.....	27
TABELA 5 - CONCEITOS ESTABELECIDOS POR ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS A RESPEITO DA ESPIRITUALIDADE A PARTIR DE GÊNERO, EM PERCENTUAIS.....	30
TABELA 6 - CONCEITOS ESTABELECIDOS POR ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS A RESPEITO DA RELIGIÃO A PARTIR DE GÊNERO, EM PERCENTUAIS:.....	32
TABELA 7 - AUTOATRIBUIÇÃO DAS NOÇÕES DE RELIGIOSO E ESPIRITUALIZADO A PARTIR DE GÊNERO, EM PERCENTUAIS.....	33
TABELA 8 - MODO COMO OS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS PERCEBEM A RELAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NA UFPR EM PERCENTUAIS.....	37
TABELA 9 - NATUREZA DAS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS EM PERCENTUAIS.....	39
TABELA 10 - NATUREZA DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES, DE ACORDO COM O GÊNERO EM PERCENTUAIS.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

<i>Chat GPT</i>	- <i>Chat Pre-trained Transformer</i>
IA	- Inteligência Artificial
IC	- Iniciação Científica
PE	- Pernambuco
PR	- Paraná
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS NA UFPR: QUEM SÃO? O QUE FAZEM? NO QUE CRÊEM?.....	18
3 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE: DOIS CAMINHOS PARA UMA MESMA BUSCA.....	29
4 CIÊNCIA E RELIGIÃO NA UNIVERSIDADE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?..	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

A escola é uma das principais instituições socializadoras dos sujeitos (SETTON, 2008), de modo que a cultura escolar serve como referência para a constituição das suas identidades, afetando suas percepções e interações com o mundo. Julia (2001) define a cultura escolar como um grupo de normas que definem saberes e condutas a serem inculcados pela escola, visando a incorporação de comportamentos, atitudes e regras de acordo com os interesses de determinado grupo (interesses religiosos, sociopolíticos, de socialização ou época).

A compreensão das culturas existentes no interior da escola passa pelo reconhecimento dos sujeitos que a compõem, desta forma é fundamental a investigação destes, especialmente no que se refere à análise em torno de questões de gênero, raça e geração (FARIA FILHO, 2004). Nesse sentido, é crucial pesquisar a figura docente, visto que, o (a) professor (a) exerce um importante papel no processo de validação e implementação das normas sociais nos sujeitos dentro do espaço escolar, fazendo-o por meio de dispositivos pedagógicos (JULIA, 2001) de maneira mais ou menos consciente.

Valente (2017), em sua pesquisa de mestrado, identifica que a difusão da religião na escola ocorre de modo velado, sendo transmitida pelos (as) docentes por intermédio de sua linguagem e na escolha do material a ser utilizado em sala de aula. Ainda, Valente (2017) relata que alguns professores (as) consideram a religião como um modo de ensinar “a moral e os bons costumes”. Na mesma direção, ao realizar pesquisas em educação com estudantes do curso de Pedagogia da UFPR, Knoblauch (2017, 2018) constatou que a religião opera enquanto uma espécie de filtro que seleciona novas aprendizagens, especialmente no que se refere a questões relativas à identidade de gênero, com tendências a naturalizar o cristianismo no ambiente escolar. De modo que é possível afirmar, a partir desses trabalhos, que as manifestações religiosas tendem a afetar a formação docente e a prática educativa mediante a orientação de condutas, seleção de saberes e interferência na socialização de professores (as) e estudantes.

A religião age de maneira marcante na construção das subjetividades, que se exerce de modo estruturado e estruturante, ou seja, influencia no cotidiano das pessoas a partir de um poder regulador, ao produzir, divulgar e incorporar de maneira ampla preceitos, valores e atitudes que são impostos como padrão à

conduta individual, englobando também o modo que a percepção sobre os gêneros se constituem e se identificam socialmente (SOUZA, 2008).

Em outra direção, Dorvillé e Escovedo (2009) ao investigarem estudantes evangélicos (as) que cursaram licenciatura em Ciências Biológicas, puderam constatar quatro principais condutas assumidas por estudantes diante do saber científico: a anteposição do saber científico em relação ao conhecimento religioso; a incorporação das explicações científicas em seus conceitos religiosos; a negação do saber científico e a crença de que ambos os saberes atuam em momentos diferentes. Knoblauch (2017), por sua vez, ao investigar estudantes de Pedagogia da UFPR, verificou que estudantes religiosas tendem a valorizar mais em suas falas os princípios religiosos em sobreposição aos saberes expostos na formação inicial em Pedagogia.

Lima e De Stefano Menin (2006), ao observarem as aulas das disciplinas de matemática, ciências e português em dez escolas públicas, constataram que os padrões religiosos eram trazidos à sala de aula como definitivos, de modo a aproximar-se de uma espécie de doutrinação, ao inviabilizar o acesso ao saber científico. De modo que é possível constatar que esta sobreposição entre religião e ciência ocorre tanto na formação inicial por tais estudantes, como na práxis docente-quando formados.

Em minha pesquisa de Iniciação Científica (IC), foi realizada a análise de um questionário com o objetivo de verificar o modo como estudantes das licenciaturas e bacharelados da UFPR compreendem a relação entre ciência e religião. Neste contexto foi verificado que não há grandes distinções entre o modo como os estudantes das diferentes habilitações compreendem a relação entre ciência e religião, contudo ao incluir o elemento “gênero” para a análise foi observado diferenças significativas no modo como os sujeitos percebem tal relação. Por outro lado, foi constatado que a frequência ao local de devoção e o nível do engajamento do (a) estudante em atividades extra-curriculares na universidade podem vir a afetar o modo como este percebe a relação entre ciência e religião (URBANO, 2020), o que evidencia a necessidade de se investigar de maneira mais aprofundada o perfil religioso de tais estudantes.

O problema para esta pesquisa foi assim definido: Quais as relações que mulheres e homens, estudantes de diferentes licenciaturas da UFPR, estabelecem entre ciência e religião? São relações de conflito ou harmonia?

Desta feita, realiza-se aqui uma análise mais profunda desta questão, de modo que esta pesquisa tem por objetivo geral analisar o modo como homens e mulheres estudantes das licenciaturas da UFPR estabelecem a relação entre ciência e religião. A escolha por apenas estudantes das licenciaturas ocorreu em função dos interesses da pesquisadora sobre a relação entre formação docente e religião, especialmente no que se refere às estudantes mulheres, grupo a qual a autora pertence e possui interesse de pesquisa,

O interesse da pesquisa recai a respeito das estudantes mulheres porque estas tendem a serem mais apegadas a preceitos e valores religiosos, o debate acerca de como a crença religiosa das (os) docentes tende (ou não) a afetar o ensino e o acesso ao saber científico ganha uma dimensão ainda maior, de sorte a demonstrar a necessidade de pesquisa da temática para assim promover um ensino laico, pautado nos ideais de pluralidade e respeito. Dito isso, a tríade de docência, gênero e religião configura-se enquanto uma importante lacuna do conhecimento a ser investigada.

Os objetivos específicos desta pesquisa são: Delinear o perfil religioso dos (as) estudantes das licenciaturas da UFPR; Estabelecer quais são as noções de espiritualidade e religiosidade dos (as) estudantes das licenciaturas da UFPR; Verificar se há relação entre a medida que os sujeitos se consideram religiosos (as) e espiritualizados (as) e o modo como percebem a relação entre ciência e religião. Todas as análises serão feitas a partir do recorte de gênero.

Neste trabalho o termo “gênero” é utilizado para definir a construção social, cultural e histórica das diferenças entre os sujeitos baseada no sexo (BOURDIEU, 1999), sendo considerado enquanto primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990, p.14).

O conceito de gênero é analisado aqui de modo binário em função das respostas dos (as) estudantes, visto que no momento da coleta dos dados estes identificaram-se apenas a partir dos termos homem e mulher, porém, haviam outras opções disponíveis para identificação de gênero¹ no questionário utilizado.

A metodologia aqui empregada é de natureza mista, pois utiliza combinação de técnicas quantitativas e qualitativas em seu desenho (Creswell e Plano Clark,

¹ Foram disponibilizadas também as opções nas quais o estudante poderia identificar-se como transsexual ou selecionar a opção “outro” em que o mesmo poderia escrever sua autoidentificação de gênero, contudo, nenhum dos entrevistados escolheu essas opções.

2011), dado que ao utilizar uma análise qualitativa de dados quantitativos, amplia-se as possibilidades investigativas (PARANHOS et al, 2016). Esta pesquisa pode ser caracterizada como exploratória e descritiva, uma vez que descreve características de determinada população ou fenômeno, ao proporcionar familiaridade com a temática e construir hipóteses (GIL, 2019).

O presente estudo está vinculado a um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado Formação de Professores e Diversidade Religiosa e coordenado pela professora doutora Adriane Knoblauch. Tal pesquisa foi iniciada em 2012 com o mapeamento do perfil das estudantes que ingressaram em Pedagogia naquele ano e, a partir dessa primeira análise, a atenção recaiu para a influência da religião no processo do aprendizado da docência em função do elevado número de estudantes religiosas.

Posteriormente, em conjunto com as professoras Eva Scheliga e Karina Bellotti, foi desenvolvida uma pesquisa para traçar o perfil religioso de estudantes dos setores de Curitiba da UFPR. Tal pesquisa foi realizada a partir de um questionário composto por 33 questões (abertas e fechadas) e aplicado a estudantes no período entre agosto de 2018 e fevereiro de 2019. Ressalta-se que os estudantes foram selecionados de modo aleatório nos espaços da instituição, sendo seguida uma proporção de estudantes por setor, habilitação (licenciatura ou bacharelado) e gênero, conforme dados de matrículas de 2017. Dessa forma, 80 estudantes das licenciaturas e 303 dos cursos de bacharelado participaram da pesquisa.

Tendo em vista o recorte deste TCC, foram selecionadas apenas as respostas a 13 questões do questionário que os (as) estudantes das licenciaturas forneceram (80 questionários). Uma atualização importante entre o método empregado no edital de IC do ano de 2020 e atualmente, é o uso de um software para o manejo e análise dos dados quantitativos. Desta feita, foi utilizado o aplicativo PSPP², software livre e gratuito, criado pelo americano Ben Pfaff, para ser usado no sistema operacional Linux. Foi realizada por Michel Almada Boaventura, em Minas Gerais a sua adaptação para a plataforma Windows, sua primeira versão foi disponibilizada em língua portuguesa no ano de 2009 (LAGE, 2009).

² Não foi possível localizar o nome do aplicativo por extenso, de modo que tal informação não consta na lista de siglas e abreviações.

Foi utilizado também o aplicativo *Chat GPT* para a construção da tabela número nove, ao sintetizar as respostas dadas pelos (as) estudantes em categorias de análise.

O aplicativo *Chat GPT* foi criado em novembro de 2022 pela *OpenAI* em São Francisco, Califórnia, uma empresa que trabalha no desenvolvimento de inteligência artificial (IA). Este aplicativo é amplamente utilizado nos dias atuais, e tem como função a execução de tarefas por meio da leitura de outros materiais existentes na internet, de modo que por meio de seu uso é possível produzir uma grande variedade de conteúdos dos mais diversos temas e formatos (QUINTANS-JÚNIOR, L. J. et al. *Chat GPT*, 2023).

No que tange à organização, este trabalho está organizado em cinco capítulos:

No primeiro capítulo, “Introdução”, tratou-se brevemente a respeito da problemática de pesquisa, sua justificativa, objetivos e métodos utilizados.

O segundo capítulo, nomeado “Estudantes das Licenciaturas na UFPR: Quem são? O que fazem? No que crêem?” delimita o perfil religioso dos (as) estudantes, identificando semelhanças e singularidades obtidas a partir do recorte de gênero.

O terceiro capítulo, intitulado “Espiritualidade e religiosidade: Dois caminhos para uma mesma busca” trata a respeito do modo como as (os) estudantes compreendem os conceitos de religião e espiritualidade, indicando possíveis implicações no que se refere ao modo como os diferentes gêneros concebem tais noções, como também acena brevemente a respeito das posturas conservadoras e progressistas dentro da religiosidade.

No capítulo quarto, nomeado “Ciência e religião na universidade: Uma relação possível?”, intui-se assimilar o modo como as (os) estudantes percebem a natureza entre ciência e religião, de modo a justificar tais posicionamentos, à luz dos dados apresentados nos capítulos anteriores.

O quinto capítulo dedica-se às considerações finais, de modo a sintetizar as reflexões realizadas ao longo deste estudo, indicando possíveis aprofundamentos na temática em trabalhos posteriores.

2 ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS NA UFPR: QUEM SÃO? O QUE FAZEM? NO QUE CRÊEM?

Antes de entender o modo como a religião afeta a formação docente, faz-se necessário ter uma compreensão maior de quem são estes sujeitos. Para tanto, este capítulo intenta delimitar o perfil de tais estudantes sob o viés do gênero, de modo a indicar a quais cursos estes pertencem, qual é o seu engajamento em projetos acadêmicos, esportivos e culturais organizados pela UFPR, sua autodeclaração religiosa, em qual grupo religioso estão inseridos, sua frequência ao local de devoção e seu consumo de material religioso.

A primeira constatação é que nos cursos de licenciatura, as (os) estudantes são em sua maioria do gênero feminino (58,2%), o gênero masculino compõe 41,2% dos (as) estudantes deste tipo de habilitação. A porcentagem de estudantes de ambos os gêneros pode ser explicada a partir do processo de feminização do magistério no Brasil que ocorreu no século XIX, em que o campo educacional expandiu-se de modo conjunto ao discurso de progresso do país (ALMEIDA, 1998).

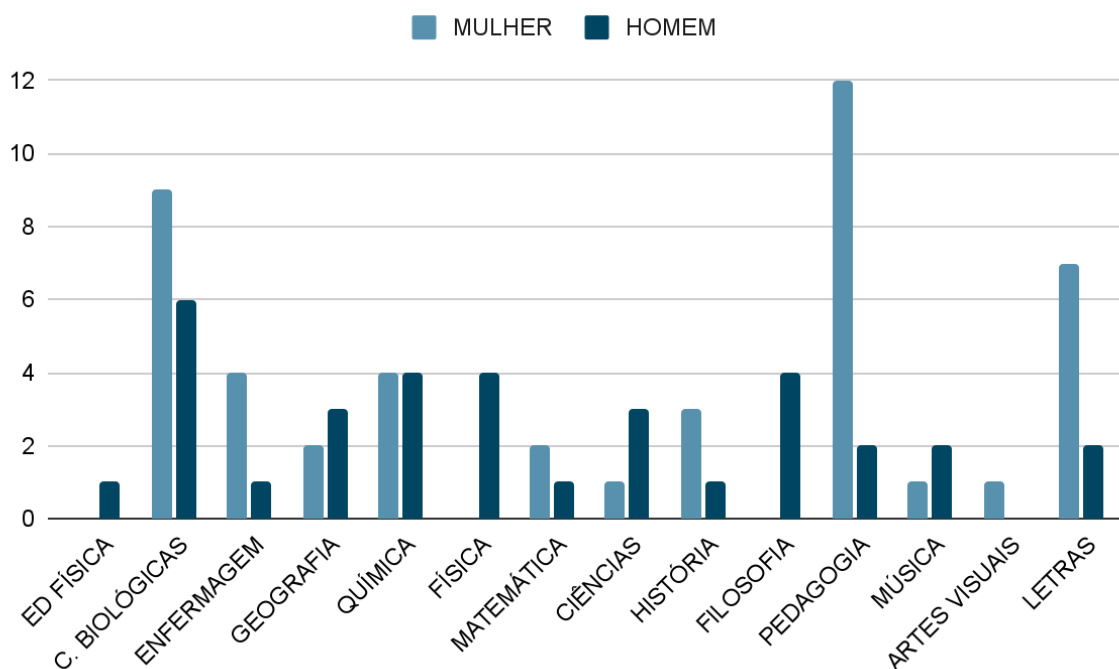
Ao realizar uma análise mais detalhada a respeito do curso de graduação a qual os (as) estudantes pertencem é possível verificar que a presença masculina se dá com maior proporção nos cursos de licenciatura que estão voltados à atuação no Ensino Médio.

O gráfico abaixo foi construído a partir das respostas coletadas com os questionários, cabe ressaltar que a amostra de dados não foi construída com a intenção de realizar este tipo de análise, pois, na realização da mesma os (as) estudantes foram selecionados por setor, e não por curso. Contudo, mesmo que esse tipo de análise não possa ser realizada com total confiança a partir dos dados coletados, é possível realizar aproximações em relação à realidade.

Tal fenômeno pode ser explicado conforme Da Rosa (2011), pois historicamente quando as mulheres passam a assumir as funções docentes, a mesma ocorreu sob o pretexto de que o magistério seria uma espécie de “extensão da maternidade”, a professora assumiria assim uma espécie de “maternidade espiritual” de seus alunos, sendo responsável por seu cuidado e educação ao nível de uma vocação espiritual. De modo que à medida que as mulheres passaram a ocupar a profissão do magistério, os homens assumiram outras profissões de maior

remuneração, ou ainda, continuaram no segmento educacional em níveis de ensino mais elevados ou ocupando cargos de poder (DA ROSA, 2011).

GRÁFICO 1 - AMOSTRA DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS POR CURSO, EM NÚMEROS ABSOLUTOS:³



FONTE: A AUTORA(2023)⁴

No que se refere ao engajamento em programas ou projetos acadêmicos, culturais e esportivos promovidos pela UFPR, constatou-se que 64,7% dos homens e 71,8% das mulheres investigadas participaram em 2018 de ao menos uma atividade extracurricular promovida pela UFPR. No entanto, é possível verificar que os homens têm uma tendência maior de participar das atividades desenvolvidas dentro da universidade, pois entre os (as) estudantes há um quantitativo maior de homens que estão engajados em mais de uma atividade extracurricular (35,3% dos homens), enquanto apenas 19,6% mulheres afirmam participar de mais de uma atividade. Isso pode ser justificado em função dos diferentes papéis exercidos pela mulher no meio social, de modo que a mulher é na maioria das vezes responsável

³ Para facilitar o manejo dos dados, os cursos de graduação Letras - Italiano ou Português com Italiano, Letras - Português, Letras - Espanhol ou Português com Espanhol e Letras - Inglês ou Português com Inglês foram organizados em uma única categoria: "Letras".

⁴ Todos os gráficos, tabelas e quadros que constam neste TCC foram elaborados pela autora a partir da pesquisa realizada no período de agosto de 2018 a fevereiro de 2019 com os estudantes das licenciaturas da UFPR dos campus localizados no município de Curitiba - PR.

pelos cuidados domésticos, pela família e ainda exerce funções dentro do mercado de trabalho (DA SILVA, 2019).

Ao tratar a respeito da autodeclaração religiosa, os (as) estudantes deveriam selecionar entre cinco categorias, uma que melhor os representasse no ano em que a coleta de dados foi realizada, sendo elas: “Não. Acredito em deus e/ou em uma força superior/transcendente, mas não participo de nenhum grupo religioso.”; “Não. Sou ateu e não participo de grupos religiosos”; “Sim. Participo de um único grupo religioso específico”; “Sim. Participo de mais de um grupo religioso, mas de modo alternado” e “ Sim. Participo de vários grupos religiosos simultaneamente”.

TABELA 1 - AUTODECLARAÇÃO RELIGIOSA DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS EM PERCENTUAIS:

DECLARAÇÃO / GÊNERO	MULHER	HOMEM	GERAL
“NÃO. ACREDITO EM DEUS E/OU EM UMA FORÇA SUPERIOR/TRANSCENDENTE, MAS NÃO PARTICIPO DE NENHUM GRUPO RELIGIOSO.”	26,1%	50%	36,2%
“NÃO. SOU ATEU E NÃO PARTICIPO DE GRUPOS RELIGIOSOS”	17,4%	29,4%	22,5%
“SIM. PARTICIPO DE UM ÚNICO GRUPO RELIGIOSO ESPECÍFICO”	50%	11,8%	33,8%
“SIM. PARTICIPO DE MAIS DE UM GRUPO RELIGIOSO, MAS DE MODO ALTERNADO”	0%	5,9%	2,5%
“SIM. PARTICIPO DE VÁRIOS GRUPOS RELIGIOSOS SIMULTANEAMENTE”	6,5%	2,9%	5%
TOTAL	100%	100%	100%

FONTE: A AUTORA (2023).

É possível verificar que a participação de mulheres em grupos religiosos se dá de maneira muito mais intensa do que os homens, nas quais as mesmas somam 56,5% ao participar de ao menos um grupo religioso, enquanto os homens totalizam 20,6%.

Isso pode ser explicado em função do modo como ocorre a socialização religiosa de mulheres, uma vez que historicamente, a religião foi um dos principais caminhos de acesso à mulher ao mundo público, permitindo-lhe um espaço social que de outra maneira não seria acessível às mulheres (WOODHEAD, 2002).

Segundo Souza (2008), as mulheres compõem a maioria dos fiéis nas religiões institucionalizadas, e o meio religioso - muitas vezes - tem como função validar as imposições sociais a respeito da mulher, especialmente no que se refere

às noções de feminilidade por meio das características de submissão, docilidade e abnegação (COUTO, 2011) e responsabiliza a mulher pelo comportamento religioso de sua família, impondo à mulher o papel de implementar em seu ambiente familiar os valores apresentados em sua religião (SOUZA, 2017). Dessa maneira, os papéis sociais femininos e masculinos não podem ser concebidos, sem considerar de modo minucioso, a religião e a sua importância no processo de socialização dos sujeitos (SOUZA, 2008).

Outro dado relevante é de que 58,7% dos (as) estudantes em sua totalidade - homens e mulheres - não frequentam nenhum grupo religioso, dos (as) quais 22,5% se consideram ateus. Nesse sentido, é possível afirmar que o grande número de estudantes que se declaram sem religião, faz parte do comportamento religioso da geração jovem contemporânea. Novaes (2004) analisa esse comportamento e identifica três elementos fundamentais: “a) forte disposição para mudança de religião; b) ênfase na escolha individual gerando maior disponibilidade para a reafirmação pessoal do pertencimento institucional; c) desenvolvimento de religiosidade sem vínculos institucionais.” (NOVAES, 2004, p.325). Contudo, a expressão “sem religião” deve ser usada com cautela, pois esta pode ter significados diversos, Novaes (2004) comenta a respeito da possibilidade de ser “religioso sem religião”, que ocorre a partir do “consumo de bens religiosos sem as clássicas mediações institucionais como um estado provisório (entre adesões) ou como uma alternativa de vida e de expressão cultural” (NOVAES, 2004, p. 328).

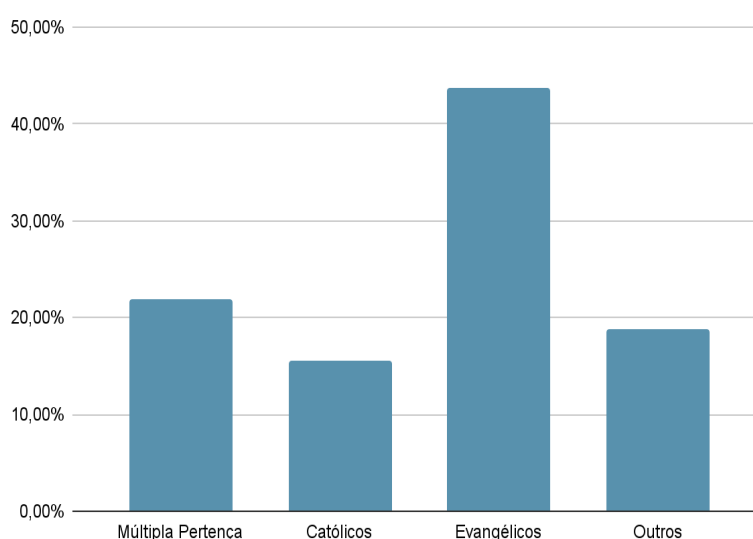
No que tange ao grupo religioso aos quais os (as) estudantes se declararam pertencentes, é notório o predomínio das religiões cristãs (59,38%), das quais estudantes evangélicos (as) compõem 43,75% e católicos (as) 15,63%. A preponderância de estudantes evangélicos (as) está em conformidade com o que relata Pierucci (2006) e Camurça (2017), de que as religiões evangélicas se encontram em um processo de ascensão, especialmente entre as camadas sociais com menor nível de escolarização e renda.

Ao comparar os dados entre licenciatura e bacharelado, Scheliga, Knoblauch e Bellotti (2020) evidenciam o fato de que no bacharelado o número de católicos (as) é bem mais expressivo, bem como, que a quantidade de católicos (as) e evangélicos (as) é inversamente proporcional ao comparar os dois tipos de habilitação. No bacharelado, os (as) católicos (as) representam 43,48% dos (as) estudantes e os (as) evangélicos (as) configuram 31,29%, enquanto nas licenciaturas o número de

católicos (as) é relativamente baixo (18,19%) e a quantidade de evangélicos (as) se dá de forma mais significativa (45,45%).

Outra possibilidade em relação ao baixo número de estudantes católicos (as) nas licenciaturas, está relacionada ao fato de que boa parte dos (as) estudantes que declararam múltipla pertença entre os (as) licenciandos (as), declararam o catolicismo enquanto parte de suas pertenças religiosas, o que pode revelar uma tendência maior ao fluxo religioso entre os (as) católicos (as).

GRÁFICO 2 - PARTICIPAÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS EM GRUPOS RELIGIOSOS, EM PERCENTUAIS:



FONTE: A AUTORA (2023).

Destaca-se que o número de entrevistados que se declararam de múltipla pertença religiosa (21,87%) é maior do que o número de católicos (as), tal dado pode relacionar-se ao modo que a presente geração constrói sua identidade religiosa a partir de uma dupla ou múltipla pertença, de modo que os (as) fiéis adquirem uma lógica diferente daquela de pureza e vínculo impostas pelas instituições (FERNANDES, 2012).

É possível observar que ao responder a respeito do grupo religioso ao qual participa, entre os (as) estudantes evangélicos (as), a maioria ao designar qual é a sua religião falou o nome e até mesmo a localização do local de devoção. A esse respeito, Goreth Santos (2014) explica que é importante se definir pertencente a um grupo religioso, pois traz um senso de identidade e status, sendo percebido como

uma forma de testemunho, havendo uma espécie de fusão entre religião e denominação no momento da autodeclaração religiosa.

Ao que se refere à participação de grupos religiosos a partir do viés de gênero, percebe-se uma maior participação feminina nas religiões institucionalizadas em que das 46 mulheres que responderam o questionário, um pouco mais do que a metade declara pertencer a algum grupo religioso, enquanto entre os 34 homens, quase um quinto destes declararam pertencer a algum grupo religioso. Em quais grupos estes sujeitos estão inseridos pode ser verificada na tabela abaixo:

TABELA 2 - PARTICIPAÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS EM GRUPOS RELIGIOSOS POR GÊNERO EM NÚMEROS ABSOLUTOS:

PARTICIPAÇÃO EM GRUPO(S) RELIGIOSO(S) / GÊNERO	MULHER	HOMEM
MÚLTIPLA PERTENÇA	5	2
EVANGÉLICA	10	4
CATÓLICA	5	0
OUTRA	5	1
NÃO RESPONDEU	21	27

FONTE: A AUTORA (2023).

A busca à religião por parte das mulheres muitas vezes está relacionada à necessidade de reconhecimento social ou de escuta, seja por condições vinculadas a necessidades materiais, adversidades familiares, questões espirituais ou ainda pelo desejo de vivenciar determinada fé e/ou pela busca da “salvação” (SCAVONE, 2008).

Observa-se ainda, que essa procura ocorre em maior proporção nas religiões evangélicas, as quais se expandem no Brasil a partir das denominações pentecostais e neopentecostais⁵ (PIERUCCI, 2006; CAMURÇA, 2017). Scavone (2008) ao falar a respeito das religiões evangélicas pentecostais as caracteriza a partir da oferta de uma resposta mais imediata aos problemas enfrentados pelo (a)

⁵ As igrejas pentecostais são denominadas desse modo como referência à passagem bíblica de Pentecostes, de modo que estas atribuem a si mesmas a alcunha de retorno às origens do cristianismo. Tais igrejas possuem grande variedade entre si e estão em constante adaptação. No Brasil, podem ser classificadas por meio de três ondas que se configuram a partir da localização geográfica, do tipo culto proposto e do período histórico de fundação das mesmas. Alguns dos principais elementos do pentecostalismo são a glossolalia (falar em “línguas”) e a crença na cura a partir de milagres. A terceira onda é também conhecida como neopentecostal, que tem a teologia da prosperidade como característica central (FREESTON, 1993).

fiel e que, ao mesmo tempo, reforçam uma posição mais conservadora da mulher no meio social, através da transmissão de costumes e crenças fortemente patriarcais.

‘ Ainda que algumas destas denominações permitam uma série de comportamentos mais progressistas, é comum que estas se mantenham irredutíveis em uma série de questões, como por exemplo, o caso de religiões pentecostais que permitem aos seus (suas) fieis o uso de métodos contraceptivos, mas que fazem campanha contra a legalização do aborto (SCAVONE, 2008).

No que se refere à frequência ao local de devoção, entre os (as) estudantes que afirmaram ter tido algum nível de frequência, é possível observar que há predominância feminina, conforme a tabela a seguir:

TABELA 3 - FREQUÊNCIA AO LOCAL DE DEVOÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS POR GÊNERO EM NÚMEROS ABSOLUTOS:

FREQUÊNCIA / GÊNERO	MULHER	HOMEM
ALGUMAS VEZES AO ANO	5	2
UMA VEZ AO MÊS	4	0
UMA VEZ POR SEMANA	11	1
MAIS DE UMA VEZ POR SEMANA	6	4
NÃO RESPONDEU	20	27

FONTE: A AUTORA (2023).

Entre as estudantes, 17 costumam ter uma frequência igual ou superior a uma vez por semana. Tal dado pode estar relacionado ao fato de que as estudantes em sua maioria são pertencentes a religiões cristãs e que têm como costume cerimônias e ações (cultos, missas, novenas, células e etc) que são realizadas diversas vezes na semana.

Sobre a frequência masculina aos locais de devoção, 4 dos estudantes afirmou estar presente no local de devoção mais de uma vez por semana, 1 estudante declara frequentar uma vez por semana e 2 afirmam comparecer algumas vezes ao ano. A diferença na proporção da frequência ao local de devoção entre homens e mulheres encontra-se em conformidade com aquilo que foi observado por Moreira-Almeida (2010) ao realizar uma análise sociodemográfica, em que foi constatado que mulheres possuem maior envolvimento religioso.

Apesar de constituírem maioria no espaço religioso cristão, o exercício do poder por mulheres nas religiões pentecostais - na liderança por meio do exercício

do sacerdócio e na fundação de igrejas, por exemplo - surge no Brasil por volta da década de 1950 de modo bastante tímido. Apenas a partir da década de 1990 a liderança feminina no meio religioso pentecostal brasileiro passou a ter um impacto mais significativo (MACHADO, 2005). Contudo, tais mudanças hierárquicas não podem ser atribuídas unicamente à conquista feminina nos espaços de poder religioso, estando vinculadas principalmente à questões da competição religiosa entre denominações e a redução do número de homens que buscam o sacerdócio (MACHADO, 2005).

Quando questionados a respeito de materiais e práticas religiosas que o (a) estudante emprega em seu cotidiano, a pergunta foi realizada com a exibição de cartões contendo algumas informações, em que o (a) estudante deveria selecionar quais melhor correspondiam com a sua vivência tendo a seguinte pergunta como base: “Vou mostrar a você alguns cartões e você pode me apontar todas as alternativas que se aplicam a você. Neste ano de 2018 você já... “. Segue no quadro abaixo as opções oferecidas aos estudantes em cartões para ajudá-los na compreensão da questão:

QUADRO 1 - CONTEÚDO DOS CARTÕES APRESENTADOS AOS ESTUDANTES NA PERGUNTA SOBRE CONSUMO DE MATERIAIS E PRÁTICAS RELIGIOSAS (CONTINUA):

CONSUMIU MÍDIA RELIGIOSA DO MEU GRUPO/ORGANIZAÇÃO/TRADIÇÃO (MÚSICAS E/OU TELEVISÃO E/OU RÁDIO E/OU INTERNET);
CONSUMIU MÍDIA RELIGIOSA DE OUTROS GRUPOS/ORGANIZAÇÃO/TRADIÇÕES RELIGIOSAS, DIFERENTES DA MINHA (MÚSICAS E/OU TELEVISÃO E/OU RÁDIO E/OU INTERNET);
DOOU E/OU ARRECADOU ITENS (ALIMENTOS, VESTUÁRIO, MÓVEIS E/OU OUTROS EQUIPAMENTOS) PARA BAZARES E PROJETOS MANTIDOS POR ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS;
DOOU TEMPO/PRESTOU SERVIÇO VOLUNTÁRIO EM PROJETOS SOCIAIS E OBRAS DE CARIDADE MANTIDAS POR GRUPOS RELIGIOSOS;
FREQUENTOU SHOWS DE ARTISTAS DE CONFISSÃO RELIGIOSA EXPLÍCITA (EXEMPLOS: GOSPEL; WHITE METAL; RAP CRISTÃO; ETC);
PARTICIPOU DE ACAMPAMENTOS, RETIROS E ENCONTROS PROMOVIDOS POR ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS;
PARTICIPOU DE CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS EM DATAS ESPECIAIS (FERIADOS RELIGIOSOS; CELEBRAÇÃO DE EQUINÓCIOS E SOLSTÍCIOS);
PARTICIPOU DE EVENTOS FESTIVOS/ESPECIAIS PROMOVIDOS POR MEU GRUPO RELIGIOSO;
PARTICIPOU DE EVENTOS PROMOVIDOS POR GRUPOS RELIGIOSOS (DIFERENTES DO GRUPO AO QUAL ESTOU VINCULADO);

QUADRO 1 - CONTEÚDO DOS CARTÕES APRESENTADOS AOS ESTUDANTES NA PERGUNTA SOBRE CONSUMO DE MATERIAIS E PRÁTICAS RELIGIOSAS (CONCLUSÃO):

PARTICIPOU DE GRUPOS DE SOCIABILIDADE /OU DE ATUAÇÃO DE MEU GRUPO RELIGIOSO (EXEMPLOS: GRUPO DE JOVENS, CÉLULAS, ESCOLA DOMINICAL, BANDAS, ETC);
PARTICIPOU DE MARCHAS, PASSEATAS E MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS DE CARÁTER RELIGIOSO;
PARTICIPOU DE RITUAIS DE INICIAÇÃO, SACRAMENTOS E/OU OBRIGAÇÕES RELIGIOSAS (EXEMPLO: MISSAS; BATISMOS);
REALIZOU VIAGENS A LUGARES DE ADORAÇÃO/DEVOÇÃO (PEREGRINAÇÕES; VISITA A SANTUÁRIOS; REALIZAÇÃO DE CAMINHADAS COM OBJETIVOS RELIGIOSOS; ROMARIAS);
CONSULTOU A HORÓSCOPO E/OU MAPA ASTRAL;
CONVERSOU SOBRE QUESTÕES RELIGIOSAS COM AMIGOS;
ADQUIRIU E/OU CONFECCIONOU OBJETOS RITUAIS (PEÇAS DE VESTUÁRIO - TAIS COMO CHAPÉUS, VÉUS, FARDAS E UNIFORMES; PARAMENTOS; ROSÁRIOS; MALAS; MANDALAS; VELAS; IMAGENS; ALTARES; VÉUS; PENTAGRAMAS; INCENSOS; DEFUMADORES);
REALIZOU ORAÇÕES, REZAS, PRECES OU MEDITAÇÕES;
ADOTOU PRÁTICAS ALIMENTARES PRESCRITAS POR MEU GRUPO RELIGIOSO (INCLUSÃO OU EXCLUSÃO DE DETERMINADOS TIPOS DE ALIMENTOS E/OU DE BEBIDAS NA ROTINA ALIMENTAR; REALIZAÇÃO DE JEJUM EM DETERMINADOS PERÍODOS DA SEMANA/MÊS/ANO);
DOOU RECURSOS FINANCEIROS A GRUPOS E/OU ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS (EXEMPLO: DÍZIMOS; OFERTAS; CONTRIBUIÇÕES).
NÃO TENHO PRATICADO

FONTE: A AUTORA (2023).

As práticas citadas no quadro são todas práticas religiosas que podem estar associadas em maior ou menor grau com o engajamento em uma religião institucionalizada. Dito isso, é comum que certas práticas populares sejam realizadas em larga escala, trazendo elementos das religiosidades para o cotidiano dos sujeitos, tal noção gera um importante debate no contexto nacional, dado que a religiosidade compreende diferentes aspectos da cultura brasileira, especialmente no que se refere a pluralidade e ao sincretismo (VALENTE, 2017). O objetivo deste detalhamento foi o de identificar práticas de sincretismo religioso, mesmo quando não admitidas nas perguntas anteriores pelos sujeitos.

Entre as mulheres, as práticas religiosas mais citadas foram: “Conversou sobre questões religiosas com amigos”, “Realizou orações, rezas, preces ou meditações” e “Consultou a horóscopo e/ou mapa astral” que foram selecionadas por 34, 32 e 20 estudantes, respectivamente.

Já os homens selecionaram principalmente as opções “Conversou sobre questões religiosas com amigos” (que foi selecionada por 16 universitários), “Realizou orações, rezas, preces ou meditações” (escolhida por 13 universitários) e “Consumiu mídia religiosa de outros grupos/organização/tradições religiosas, diferentes da minha (músicas e/ou televisão e/ou rádio e/ou internet) “ (selecionada por 11 universitários).

Tais práticas denotam a presença da religiosidade no cotidiano dos sujeitos sem que estas estejam necessariamente envolvidas com a frequência a um local de devoção, sendo que tal consumo pode ser relacionado à noção já estabelecida por Novaes (2004) de religiosos (as) sem religião: consumo de bens religiosos sem que haja, necessariamente, um vínculo com uma instituição religiosa.

Ressalta-se ainda que a prática de consumo de elementos religiosos no cotidiano é extremamente frequente, dos quais apenas 15,2% das mulheres e 17,6% dos homens investigados afirmaram não consumir nenhum tipo de conteúdo religioso, e 73,6% dos homens e 63% das mulheres afirmam consumir entre 1 e 9 dos conteúdos religiosos apresentados a partir dos cartões. A distribuição quantitativa pode ser observada na tabela abaixo:

TABELA 4 - QUANTIDADE DE CONTEÚDOS RELIGIOSOS QUE FORAM CONSUMIDOS AO LONGO DO ANO DE 2018 INDICADA POR ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS A PARTIR DO RECORTE DE GÊNERO EM PERCENTUAIS:

	HOMEM	MULHER
NÃO CONSUMIU	17,6%	15,2%
ENTRE 1 E 3	53%	23,9%
ENTRE 4 E 6	17,6%	23,9%
ENTRE 7 E 9	3%	15,2%
MAIS QUE 10	8,8%	21,8%
TOTAL	100%	100%

FONTE: A AUTORA (2023).

A partir da tabela acima é possível verificar novamente que as mulheres consomem em maior quantidade conteúdos religiosos. Além disso, foi possível observar que os (as) estudantes consomem diversos conteúdos religiosos, gerando assim, questionamentos a respeito de que medida o consumo de tais conteúdos afetam em sua formação docente? Visto que o consumo de tais materiais está vinculado a práticas religiosas não institucionalizadas ou ainda, de que modo tais

estudantes compreendem os conceitos de espiritualidade e religiosidade? E de que maneira tais noções e seu perfil religioso se vinculam ao modo como estes percebem a relação entre ciência e religião? Estas e outras indagações serão analisadas com maior atenção nos capítulos a seguir.

3 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE: DOIS CAMINHOS PARA UMA MESMA BUSCA

Após realizar a análise inicial do perfil dos estudantes das licenciaturas da UFPR, é possível verificar que as práticas religiosas e espirituais tendem a influenciar as posturas das (os) estudantes enquanto elementos importantes de suas vivências e constitutivo de identidades. Dito isso, faz-se necessário compreender quais são os conceitos estabelecidos pelos (as) estudantes a respeito das noções de espiritualidade e religião, bem como, de que maneira estes se percebem em relação às mesmas.

Ao caracterizar a religião, o dicionário Michaelis (DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE, 2023a) traz como principal conceito a religião enquanto a crença da existência de forças sobrenaturais ou de um ser superior que controlam o destino do indivíduo, da humanidade e da natureza, ao qual deve-se obediência e submissão, sendo trazidas também as definições que abordam a questão da obrigação moral ou dever sagrado e indeclinável, do serviço e culto através de preces, ritos e cumprimento de mandamentos divinos, bem como a concepção de uma instituição social criada a partir ideia da relação de um ou mais entidades sobrenaturais com as pessoas.

Já a espiritualidade é tratada pelo mesmo dicionário (DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE, 2023b) na qualidade daquilo que “exerce ou manifesta atividade mística ou religiosa” e como “sentimento de transcendência”.

Tais noções, complementadas a partir da leitura de diferentes autores (VALLE, 1998; SAAD, MASIERO E BATISTELLA, 2001; PINTO, 2009), trazem à compreensão de espiritualidade e religião enquanto elementos distintos que podem (ou não) estar inter relacionados (PINTO, 2009).

A religião é percebida principalmente a partir de sua dimensão moral e social, pois esta age, na maioria das vezes, como meio de inserção comunitária e cultural (PINTO, 2009). De modo que é possível conceber a religiosidade como experiência subjetiva da religião (VALLE, 1998) e esta, por sua vez, pode ser um modo de manifestação da espiritualidade (PINTO, 2009), pois a mesma age enquanto um sistema de doutrinas e cultos compartilhados por determinado grupo, com particularidades específicas nas dimensões sociais, doutrinárias, comportamentais e de transmissão de valores (SAAD, MASIERO E BATISTELLA, 2001).

Nesse sentido, a espiritualidade é concebida tal qual um sistema de crenças que abrange elementos intangíveis, de modo a trazer significados e propósitos aos acontecimentos da vida, com vistas a transcender corpo e mente ao elevar-se acima do dia a dia dos sujeitos, por meio da criação de um vínculo com algo superior, estando envolvida ou não, com práticas religiosas formais (SAAD, MASIERO E BATISTELLA, 2001).

Os conceitos estabelecidos pelos (as) estudantes estão em conformidade daqueles estipulados a partir de revisão de literatura, conforme é possível verificar nas categorias criadas a partir da fala destes, que constam nas tabelas 5 e 6.

A partir dos dados da tabela é possível verificar que as (os) entrevistadas (os) tendem a compreender a espiritualidade enquanto “Fé em algo que não consegue explicar” (23% entre as mulheres), “É uma força individual que cada um tem, e que ajuda no dia a dia” (19,6% das mulheres e 29,4% entre os homens) e “Se conectar com algo que te dê confiança e energia” (15,2% entre as mulheres e 14,7% dos homens), evidenciando o caráter subjetivo, transcendente e inexplicável da espiritualidade.

Ao analisar as categorias estabelecidas nota-se a compreensão da espiritualidade a partir da subjetividade e do encontro consigo mesmo, em que a fé se dá a partir do cotidiano, sendo que um percentual pequeno estabelece uma visão negativa da espiritualidade (2,2% entre as mulheres e 2,9% dos homens), que é conceituada como enganação por tratar-se de criação humana.

TABELA 5 - CONCEITOS ESTABELECIDOS POR ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS A RESPEITO DA ESPIRITUALIDADE A PARTIR DE GÊNERO, EM PERCENTUAIS⁶ (CONTINUA):

CONCEITO	MULHER	HOMEM
“SE CONECTAR COM ALGO QUE TE DÊ CONFIANÇA E ENERGIA”	15,2%	11,8%
“FÉ EM ALGO QUE NÃO CONSEGUE EXPLICAR”	23,9%	14,7%
“ACREDITAR EM ALGO MAIOR”	8,7%	8,8%
“É UM ESTADO. ESTADO DE SER E ACREDITAR. É UM POUCO AMPLO. INDEPENDENTE DA RELIGIÃO E O QUE VOCÊ ACREDITA, É UM ESTADO DE SER”	4,3%	0%
“BUSCAR IR AO ENCONTRO DA PAZ CONSIGO MESMO, COM O PRÓXIMO E COM DEUS. ESTAR EM HARMONIA COM DEUS.”	8,7%	11,8%

⁶Os conceitos elaborados pelos estudantes foram aqui exemplificados a partir de falas reais coletadas em questionário, que foram reunidos em categorias temáticas pela autora.

TABELA 5 - CONCEITOS ESTABELECIDOS POR ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS A RESPEITO DA ESPIRITUALIDADE A PARTIR DE GÊNERO, EM PERCENTUAIS (CONCLUSÃO):

“AUTOENGANAÇÃO, NÃO É ALGO QUE REALMENTE EXISTE, ALGO CRIADO PELA MENTE DAS PESSOAS PARA SE CONFORTAR”	2,2%	2,9%
“É UMA FORÇA INDIVIDUAL QUE CADA UM TEM, E QUE AJUDA NO DIA A DIA”	19,6%	29,4%
“É UMA PERGUNTA MUITO AMPLA, MAS EU CARACTERIZO A ESPIRITUALIDADE COM A RELIGIÃO.”	2,2%	11,8%
OUTROS	15,2%	5,9%
NÃO RESPONDEU	0%	2,9%
TOTAL	100%	100%

FONTE: A AUTORA (2023).

Destaca-se também, que entre as mulheres houve uma grande quantidade de falas categorizadas como “Outros” (15,2%) em função da pluralidade das noções estabelecidas pelas universitárias as quais não foi possível agrupar em categorias para análise.

Já no que tange às concepções de religião, uma visão geral das categorias estabelecidas nos permite verificar uma compreensão do conceito vinculado à ideia de instituição social, com regras, crenças e valores. Bem como, à noção de grupo e comunidade com princípios em comum.

As opções que tiveram uma maior adesão entre mulheres e homens foram as mesmas, a saber: “Seguir algum dogma ou regras que conduzam uma crença. Mais formalizada do que a espiritualidade” (21,7% entre as mulheres e 23,5% dos homens) e “Forma como as pessoas e a comunidade expressa sua espiritualidade” (15,2% das mulheres e 29,4% entre os homens).

Em relação ao conceito negativo, foi selecionada a fala de um dos universitários: “Um instrumento para controlar as pessoas”, que evidencia o caráter normativo e de controle da religião sobre os corpos e atitudes dos sujeitos (ALMEIDA, 2017), sendo que o mesmo percentual de homens conceituou espiritualidade e religião de forma negativa (2,9%), enquanto o quantitativo de mulheres que afirma ter uma percepção negativa a respeito da religião foi maior se comparado àquelas que fizeram tal afirmação a respeito da espiritualidade (8,7% das mulheres compreendem a religião como algo negativo, enquanto 2,2% tem a mesma visão da espiritualidade).

TABELA 6 - CONCEITOS ESTABELECIDOS POR ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS A RESPEITO DA RELIGIÃO A PARTIR DE GÊNERO, EM PERCENTUAIS⁷:

CONCEITO	MULHER	HOMEM
“UM CONJUNTO DE PESSOAS QUE SE CONECTAR COM O MESMO CAMINHO ESPIRITUAL”	15,2%	8,8%
“FORMA COMO AS PESSOAS E A COMUNIDADE EXPRESSA SUA ESPIRITUALIDADE”	15,2%	29,4%
“SEGUIR ALGUM DOGMA OU REGRAS QUE CONDUZAM UMA CRENÇA. MAIS FORMALIZADA DO QUE A ESPIRITUALIDADE”	21,7%	23,5%
“CONCEITOS EM COMUM, GOSTOS E CRENÇAS SEGUEM JUNTAS”	6,5%	11,8%
“RELIGIÃO É A ESPIRITUALIDADE INSTITUCIONALIZADA, NA QUAL EXISTE A IDENTIFICAÇÃO DE GRUPOS COM CRENÇAS E VALORES EM COMUM QUE OS SEPARAM DOS DEMAIS”	11%	2,9%
“É ACREDITAR NESSE ALGO MAIOR E TER FÉ”	13%	8,8%
“COMO INSTITUIÇÃO, É ALGO SOCIAL. PRA MIM, INDIVIDUAL, COMO RELIGIOSIDADE, É ALGO QUE ME NUTRE. QUE ME FAZ CRER QUE EXISTE ALGO MAIOR QUE ME CONECTA COM A EXISTÊNCIA HUMANA”	2,2%	5,9%
“UM INSTRUMENTO PARA CONTROLAR AS PESSOAS”	8,7%	2,9%
OUTROS	6,5%	6%
TOTAL	100%	100%

FONTE: A AUTORA (2023)

No que tange ao modo como os (as) universitários (as) se percebem em relação às noções de religiosidade e espiritualidade, foi elaborada a tabela 7, a partir das questões “Você se considera uma pessoa religiosa? Em uma escala de 1 a 9 você diria...” e “Você se considera uma pessoa espiritualizada? Em uma escala de 1 a 9 você diria...” Para fins de análise neste estudo, consideramos que 0 significa a autoatribuição de nenhuma espiritualidade; de 1 a 3 pouca espiritualidade; de 4 a 6 atribui-se a si uma espiritualidade média; de 7 a 9 o sujeito se considera muito espiritualizado⁸.

É possível verificar nos estudantes homens uma tendência maior a não se considerar religioso (58,8%), contudo, a maioria dos homens se considera muito espiritualizado (41,2%), o que pode estar vinculado à busca de uma conexão com algo superior sem se que estabeleça, necessariamente, um vínculo com

⁷ Os conceitos elaborados pelos estudantes foram aqui exemplificados a partir de falas reais coletadas em questionário, que foram reunidos em categorias temáticas pela autora.

⁸ A mesma lógica foi utilizada para a elaboração da tabela de autoatribuição da religiosidade, com iguais valores.

determinado grupo social ou que tal busca esteja associada ao cumprimento de determinadas regras e preceitos (NOVAES, 2004).

Já as estudantes mulheres tendem a se considerar muito espiritualizadas (54,3%) e muito religiosas (34,8%), o que corrobora com os dados encontrados ao realizar uma revisão de literatura na sociologia das religiões a respeito do envolvimento feminino com a religião e a espiritualidade (WOODHEAD, 2002; SOUZA, 2008).

TABELA 7 - AUTOATRIBUIÇÃO DAS NOÇÕES DE RELIGIOSO E ESPIRITUALIZADO A PARTIR DE GÊNERO, EM PERCENTUAIS:

GÊNERO	ESPIRITUALIZADO (A)		RELIGIOSO (A)	
	MULHER	HOMEM	MULHER	HOMEM
NÃO ME CONSIDERO...	4,4%	23,5%	26%	58,8%
ME CONSIDERO POUCO ...	6,5%	14,7%	10,9%	8,8%
ME CONSIDERO...	34,8%	20,6%	28,3%	14,7%
ME CONSIDERO MUITO...	54,3%	41,2%	34,8%	17,7%
TOTAL:	100%	100%	100%	100%

FONTE: A AUTORA (2023).

A pesquisa realizada por Couto (2002) nos auxilia a compreender de que maneira se dá a relação entre os gêneros e a religião, ao estudar o comportamento religioso de diversas famílias em um bairro periférico em Recife – PE. A autora observou que os motivos que levam homens e mulheres a buscar a religião evangélica são diferentes: os homens são motivados a procurar a religião como meio de “libertação dos males” para si próprios (alcoolismo, uso de drogas, desemprego, etc), enquanto as mulheres, envolvem-se com a religião motivadas pela obtenção do consolo de suas aflições (depressão, tentativas de suicídio), pela busca de uma solução para os seus problemas familiares e conjugais (traições, brigas e ciúmes) e com o intuito de encontrar a cura sobrenatural para a doença de algum familiar.

Destaca-se também, que todos os homens estudados por Couto (2002), tiveram em suas “conversões” uma figura feminina – geralmente a mãe ou a esposa – que os encaminhou para a Igreja. Assim, mulheres se convertem pensando no cuidado com os outros e a conversão masculina se dá com a intenção de obter

melhorias individuais. De modo que as mulheres se institucionalizam - inclusive através da religião - visando o cuidado da família no meio social.

A religião pode ser compreendida a partir de diferentes prismas, mesmo no interior de uma mesma denominação religiosa, os sujeitos podem ter posicionamentos mais conservadores ou progressistas a depender do grupo observado. O que pode ser exemplificado em Avellar (2017) ao relatar a visão de Rubem Alves a respeito da religião institucionalizada, que traz uma noção dicotômica da religião, ao passo de que esta é posta como “a saudade daqueles que foram exilados de si mesmos” (AVELLAR, 2017, p.125) , colocando-a enquanto uma gaiola que aprisiona pensamento e sentimentos dos sujeitos, ao mesmo tempo propõe a concepção da religião enquanto combate às injustiças políticas, econômicas e sociais sofridas pelos sujeitos, de modo a considerá-la voz e poder do povo frente às amarras sociais⁹.

Enquanto fato social, a religião é uma instituição estruturada e estruturante, sujeita ao meio a qual pertence e tende a ser reproduzida a partir das subjetividades de cada fiel (CAPITANIO, 2013), de modo que é possível observar diferentes posturas, que podem se configurar até mesmo de forma opositiva em sujeitos e instituições que alegam possuir o mesmo “ponto de partida”, de maneira que estes agem de forma fundamentalmente opostas no que se refere às ações no meio social. Dessa maneira, ser muito religioso (a) ou muito espiritualizado (a) assume diferentes significados a depender de quem declara tal afirmação. Para melhor compreender de que maneira a postura religiosa dos sujeitos afeta na formação docente, se faz necessário maiores estudos qualitativos nesta temática, os quais não foram possíveis dentro da perspectiva deste trabalho de conclusão de curso.

⁹ Rubem Alves foi um importante pensador brasileiro. Foi membro da Igreja Presbiteriana, mas, durante a ditadura militar, se afastou dessa denominação e ajudou a fundar a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

4 CIÊNCIA E RELIGIÃO NA UNIVERSIDADE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

O modo como cada estudante universitário (a) compreende as relações entre ciência e religião se dá de modo único, pois está vinculado às suas vivências, cultura e crenças. Contudo, ao realizar uma análise quantitativa, utilizando-se de um recorte de tais estudantes, é possível observar elementos em comum que são construídos a partir das intersecções de gênero, curso, raça, classe social, nível de engajamento religioso, entre outros. Neste estudo estamos trabalhando apenas as questões que tangem ao gênero e ao perfil religioso dos (as) estudantes das licenciaturas.

Nesse sentido, é importante considerar alguns modelos de análise da relação entre ciência e religião. Foram selecionados os modelos de Barbour (1997) e Brooke (2006) enquanto inspiração para a realização deste estudo.

Barbour (1997) categoriza por meio de quatro grupos a relação entre conhecimento científico e religião, a saber: a) Conflito: que aborda o contraste entre o materialismo científico e o literalismo bíblico; b) Independência: que trata da diferença dos métodos e linguagens utilizadas; c) Diálogo: que propõe paralelos metodológicos e d) Integração: que realiza uma síntese por meio da teologia da natureza¹⁰.

Brooke (2006) propõe o estudo da relação entre ciência e religião a partir das noções de: a) Conflito irreconciliável - em que não há possibilidade de diálogo; b) Intercâmbio entre as partes de forma vantajosa, mesmo que com algumas limitações e c) Complementaridade entre as mesmas, mas com diferentes objetos de estudo.

É possível verificar algumas similaridades entre ambas as formas de categorização, evidenciando a compreensão de ciência e religião enquanto modos de conceber o conhecimento, que buscam explicações a respeito da realidade, a partir de objetivos, instrumentos e métodos próprios (BERTOLIN, 2015). Mas, em relação a conhecimentos profissionais, os quais são construídos em cursos de graduação com base na ciência, é preciso cautela ao realizar o compartilhamento entre saberes.

Evidencia-se aqui, que ao verificar as relações entre ciência e religião no ambiente educacional, que há uma linha muito tênue que separa a ideia de

¹⁰O conceito de teologia da natureza para Barbour (2004) prevê a reformulação das interpretações teológicas e bíblicas à luz das descobertas científicas, sem descartar elementos sobre o divino ou conter-se em explicações literais advindas das religiões, colocando ciência e religião como dois meios de se contar a mesma história, ambos enquanto meios válidos de explicar o Universo.

pluralidade, respeito, diálogo entre diferentes saberes e a perspectiva do ensino laico, do ensino do saber científico no ambiente escolar, com a ideia de relativização dos saberes e a apologia a determinada crença religiosa. De sorte que, por meio de uma abordagem intercultural, não se deve usar uma abordagem cientificista – em que a ciência adquire um valor maior que outros modos de conhecimento – contudo, ao buscar um pluralismo epistemológico, faz-se essencial a delimitação clara entre as diferentes formas de conhecimento como meio de evitar tanto o relativismo como o dogmatismo (TEIXEIRA, 2016).

Ao falar sobre laicidade, entende-se que há o compromisso por parte do Estado de não favorecer, nem prejudicar as formas de práticas religiosas, de modo que o Estado laico não é contra a religião, mas sim, visa que as instituições públicas não sejam submetidas a nenhum tipo de crença religiosa, gerando assim, uma democracia plena no âmbito religioso (DOS SANTOS E SIMÕES, 2017). Contudo, é necessário também destacar que algumas crenças religiosas são vistas de maneira preconceituosa e vítimas de intolerância religiosa¹¹ nos mais diversos espaços da sociedade, inclusive na esfera educativa (SIMÕES, 2018).

É papel da escola proporcionar a ruptura com o preconceito e a intolerância por meio da aquisição do saber científico e do diálogo intercultural, com vistas a diminuir a discriminação na sociedade. Conforme afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), no que se refere à pluralidade cultural:

“A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Em primeiro, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada um conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro lugar, porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o País e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais. A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela” (BRASIL, 1997, p.21).

¹¹ De acordo com Brasil (2013, p.9-10): “A intolerância religiosa é um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas, discriminatórias e de desrespeito às diferentes crenças e práticas religiosas ou a quem não segue uma religião. Sendo como um crime de ódio que fere a liberdade, a dignidade humana e a própria democracia, a intolerância religiosa costuma ser caracterizada pela ofensa, discriminação, perseguição, ataques, desqualificação e destruição de locais e símbolos sagrados, roupas e objetos ritualísticos, imagens, divindades, hábitos e práticas religiosas. Em casos extremos, há atos de violência física e que atentam à vida de um determinado grupo que tem em comum determinada crença”.

Desta feita, evidencia-se aqui o papel importantíssimo que a escola tem no combate à intolerância religiosa, bem como, é possível perceber a complexidade da temática e a urgência em realizar maiores estudos acerca do tema, uma vez que, há tendência entre alguns professores (as) a priorizar o ensino de suas crenças religiosas ao invés do saber científico (DORVILLÉ E ESCOVADO, 2009), bem como há uma naturalização do cristianismo no ambiente escolar (KNOBLAUCH, 2017) e um tipo de silenciamento das demais crenças religiosas neste, por meio da seleção das metodologias e do conteúdos a serem abordados em sala (VALENTE, 2017).

A análise da relação estabelecida entre ciência e religião pelos (as) estudantes foi organizada em duas partes, na primeira (tabela 8) foi analisada a maneira que os estudantes compreendem as relações entre ciência e religião a partir do viés do gênero. Em um segundo momento (tabelas 9 e 10), estão elencadas as maneiras como estes concebem como ocorre a relação entre estas duas formas de conhecimento sob as perspectivas da natureza percebida e de gênero.

Com o intuito de proporcionar o entendimento de como os (as) estudantes percebem a relação entre ciência e religião no ambiente universitário, foi realizada a pergunta: “Até este momento da sua formação acadêmica aqui na UFPR você diria que a relação entre religião e ciência tem sido de conflito ou de harmonia? Em uma escala de 1 a 9 você diria que...”. Na qual os valores de 1 a 4 são considerados enquanto relação de conflito, 5 como neutralidade e de 6 a 9, como relação de harmonia.

TABELA 8 - MODO COMO OS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS PERCEBEM A RELAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NA UFPR EM PERCENTUAIS:

	HOMEM	MULHER	GERAL
CONFLITO	37,1%	36,2%	36,6%
NEUTRO	25,8%	23,4%	24,4%
HARMONIA	37,1%	40,4%	39%
TOTAL:	100%	100%	100%

FONTE: A AUTORA (2023).

Conforme a tabela 8, é possível constatar que as mulheres possuem uma tendência maior em considerar a relação entre ciência e religião de forma

harmoniosa (40,4%), 36,2% destas percebem tal ligação de forma conflituosa e 23,4% a concebem de maneira neutra.

Tal dado pode estar ligado ao fato de que as estudantes analisadas possuem um alto grau de engajamento religioso (o que pode ser percebido por intermédio da análise do perfil religioso destas, observando os aspectos da frequência ao local de devoção, da autodeclaração religiosa e a autoatribuição de um alto grau de espiritualidade e religiosidade) que os estudantes homens. Contudo, é notável que não há uma grande diferença percentual entre mulheres que percebem conflito e harmonia entre ciência e religião, tal diferença ocorre por apenas 4,2%, fato que será investigado com maior aprofundamento ao verificar a natureza compreendida pelas mulheres na relação entre ciência e religião.

O percentual de mulheres que identificam uma noção de neutralidade entre ciência e religião pode ser explicado através da hipótese de que estas não possuem um forte engajamento em questões religiosas, por conseguinte, o modo como tal temática se relaciona com a ciência no ambiente universitário lhes é indiferente.

Conforme revisão bibliográfica realizada para a construção deste estudo (BARBOUR, 2004; RODRIGUES E MOTTA, 2011), o principal modelo de relação entre ciência e religião observado pelas pessoas em geral é o do conflito. Barbour (2004) propõe o diálogo enquanto via harmônica de relacionamento entre ciência e religião, em que cria-se uma trajetória mais construtiva ao enfatizar as similaridades de conceitos, métodos e pressupostos.

Compreende-se aqui que as relações entre ciência e religião se estabelecem de maneira complexa, logo, não é possível capturar sua totalidade a partir de uma tabela (RODRIGUES E MOTTA, 2011), contudo, intenta-se a partir da análise da natureza das relações entre ciência e religião, viabilizar maiores explicações e formular hipóteses a respeito da forma como os (as) estudantes construíram tais noções.

Ao analisar os posicionamentos assumidos pelos (as) estudantes no questionário em sua totalidade, é perceptível que em sua maioria (39%), estes percebem uma relação de harmonia entre ciência e religião no ambiente universitário.

Percebe-se também que inicialmente não há grandes diferenças na maneira de percepção das relações entre ciência e religião entre homens e mulheres. Este dado revela a necessidade de um aprofundamento da análise das afirmações feitas

pelos (as) estudantes por intermédio da observação da natureza percebida nas relações identificadas por estes, visto que, é curioso o fato de que sujeitos com perfis religiosos tão distintos possuam - à primeira vista - uma mesma percepção sobre o modo como se dão as relações entre ciência e religião.

No entanto, é possível observar nas tabelas¹² a seguir que as justificativas assumidas pelos (as) estudantes possuem influência da variável gênero, que está diretamente vinculado à questão do engajamento religioso dos (as) universitários (as).

No momento da construção e seleção das categorias de análise, algumas falas dos (as) estudantes foram agrupadas no mesmo conjunto de natureza percebida, mesmo que estes tenham tido posicionamentos contrários no que se refere à percepção da relação entre ciência e religião. Isto torna evidente o fato de que diferentes posturas podem possuir a mesma base, conforme foi explanado anteriormente ao se referir aos posicionamentos assumidos por diferentes grupos religiosos no interior de uma mesma denominação.

TABELA 9 - NATUREZA DAS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS EM PERCENTUAIS¹³:

	CONFLITO	NEUTRO	HARMONIA
1. AUSÊNCIA DE ABORDAGEM DIRETA NA ACADEMIA:	13,3%	15%	4%
2. CONFLITO DE EXPLICAÇÕES E PERSPECTIVAS	23,3%	40%	26%
3. COMPLEMENTARIDADE E RESPEITO MÚTUO	10%	10%	13,3%
4. INFLUÊNCIA INDIVIDUAL E TOLERÂNCIA	20%	10%	6,7%
5. CONFLITO NAS DISCIPLINAS E TEORIAS	10%	15%	13,3%
6. PLURALIDADE DE VISÕES E RELATIVIDADE DOS CONFLITOS	6,7%	5%	26,7%
7. RELATIVIDADE E INDIFERENÇA	16,7%	5%	10%
TOTAL:	100%	100%	100%

¹²Infelizmente não foi possível agrupar em uma única tabela as variáveis de percepção da relação, natureza da relação e gênero, em função de uma limitação do aplicativo PSPP. Foram elaboradas duas tabelas como tentativa de viabilizar a análise e comparação destes dados que serão analisados de forma conjunta.

¹³ Para compreender as tabelas 9 e 10, é necessário realizar a leitura destas de forma conjunta com a tabela 8.

FONTE: A AUTORA (2023).

TABELA 10 - NATUREZA DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES, DE ACORDO COM O GÊNERO EM PERCENTUAIS:

	MULHER	HOMEM	GERAL
1. AUSÊNCIA DE ABORDAGEM DIRETA NA ACADEMIA:	8,5%	12,1%	10%
2. CONFLITO DE EXPLICAÇÕES E PERSPECTIVAS	29,8%	27,3%	28,6%
3. COMPLEMENTARIDADE E RESPEITO MÚTUO	8,5%	15,2%	11,3%
4. INFLUÊNCIA INDIVIDUAL E TOLERÂNCIA	19,2%	3%	12,5%
5. CONFLITO NAS DISCIPLINAS E TEORIAS	14,9%	9%	12,5%
6. PLURALIDADE DE VISÕES E RELATIVIDADE DOS CONFLITOS	10,6%	18,2%	13,8%
7. RELATIVIDADE E INDIFERENÇA	8,5%	15,2%	11,3%
TOTAL:	100%	100%	100%

FONTE: A AUTORA (2023).

Ao darem um valor entre 1 e 9 para a relação entre ciência e religião no ambiente universitário, os (as) estudantes deveriam justificar também - na questão seguinte - o porquê da nota atribuída, a análise a seguir será realizada com base nestas respostas. Os conceitos usados nas tabelas 9 e 10 foram construídos a partir da síntese das respostas dos (as) estudantes, agrupadas em categorias conceituais por meio do aplicativo *Chat GPT*. Em função da grande quantidade de grupos de análise criados pelo aplicativo, estes foram enumerados na tabela para facilitar a compreensão e a referência dos mesmos ao longo do corpo do texto.

Para melhor compreensão dos dados, será analisado um grupo analítico por vez, de modo a criar hipóteses a respeito destas.

A categoria de número 1 - “Ausência de Abordagem Direta na Academia” -, foi utilizada principalmente como indicativo de neutralidade (15%) - que pode ser explicada por meio da hipótese que os (as) estudantes consideram que tais assuntos não devem se misturar -, seguido da compreensão de que tal ausência indica conflito entre ciência e religião (13,3%) - em que justamente o fato de tal tema não ser abordado na universidade pode ser considerado de maneira negativa -. Essa categoria de análise foi sinalizada principalmente por estudantes homens (12,1%).

O grupo “Conflito de Explicações e Perspectivas” foi construído através da síntese das falas dos (as) estudantes a respeito do conflito causado entre ciência e religião, em função das diferentes perspectivas e explicações que estas possuem a respeito das coisas. Esta categoria engloba grande parte das justificativas dadas pelos (as) estudantes, com o percentual entre os homens de 27,3% e 29,8% entre as mulheres, o que evidencia a popularidade desta opinião entre os (as) estudantes

Tal indicativo foi utilizado tanto por estudantes que apontaram conflito (23,3%) como por aqueles que indicaram harmonia (26%) com percentuais similares, o fato desta categoria de análise ter tido uma adesão tão grande pode estar vinculado ao fato de que a ideia de conflito entre ciência e religião está fortemente inserida no imaginário popular, de modo que a abordagem de tais temáticas devem ser evitadas com vistas a não gerar embates em sala de aula.

Teixeira e Andrade (2014), ao estudarem o modo como professores (as) religiosos (as) ensinam a teoria da evolução puderam verificar que há uma certa resistência por parte dos (as) estudantes - especialmente àqueles oriundos de denominações evangélicas - no que diz respeito à aquisição do saber científico, principalmente nos conteúdos que possuem conflito direto com as suas crenças religiosas (como o embate entre criacionismo e evolucionismo, por exemplo).

Os autores notaram em alguns professores (as) uma abordagem mais crítica - que leva a ampliar o repertório dos (as) estudantes por meio de questionamentos -, em outros uma abordagem instrumentalizadora - que articula o saber científico e livro didático -, e em uma professora um esforço de conciliação, que pode ser definido também como uma espécie de medo de gerar embates entre um modo de saber e o outro, esta mesma professora relata não ensinar esse tipo de conteúdo em função da resistência dos (as) estudantes religiosos (as).

A categoria de análise 2 é a que possui um maior quantitativo no que se refere àqueles que declararam a relação entre ciência e religião na universidade como neutra (40%). É possível explicar esta ideia de neutralidade por intermédio da concepção de que tal temática não deve ser abordada na universidade devido aos conflitos conceituais, de maneira a evitar a criação de embates a respeito do assunto. Cria-se assim, a ideia da universidade enquanto um ambiente neutro e que deve se isentar do debate de tais temas.

Cabe ressaltar que a produção de conhecimento - e os ambientes escolares e universitários enquanto *locus* deste - é processo ideológico, político e histórico, de

modo que este ocorre por meio de crenças que se encaminham para determinada ação, a favor ou contra determinado sujeito ou grupo. Deste modo, não há educação ou ciência neutra, visto que a própria ideia de neutralidade é uma opção escondida (FREIRE, 1987). Assim sendo, o ato de promover o apagamento intencional de certos assuntos no ambiente educacional não deve ser percebido como neutralidade nas relações entre ciência e religião, mas sim, como um meio de viabilizar certos princípios de natureza epistemológica, metodológica e político-filosófica de determinado grupo ou classe (DE ALMEIDA, SAMPAIO, 2010). Destaca-se aqui os desafios encontrados no ensino da história e culturas negras e indígenas, que para além da questão da intolerância religiosa, também perpassa por questões de discriminação e racismo.

Ao falar sobre os embates entre ciência e religião no contexto brasileiro, faz-se necessário o estudo a respeito da tendência crescente de uma espécie de confessionalização política (MEIRELLES, 2015), que se manifesta de modo mais expressivo por meio do aumento do número de candidatos políticos ligados a denominações religiosas cristãs conservadoras e através da imposição por estes de uma moral pública que estipula um maior controle de comportamentos e corpos (ALMEIDA, 2017). Estas ações são executadas a partir da bandeira da “defesa da vida, da moral e dos bons costumes”, deste modo estes sujeitos buscam impor políticas estatais de controle no que tange às áreas da educação, saúde e ciência (CAMURÇA, 2020).

Tal postura é preocupante, pois as imposições de determinado grupo religioso tendem a promover o silenciamento dos demais - especialmente das minorias - de modo a fortalecer ideologicamente as desigualdades, o preconceito, a intolerância e a discriminação (SILVA, 2014).

O conjunto de análise “Complementaridade e Respeito Mútuo”, foi assinalado em 10% como conflito e neutralidade, recebendo 13,3% das respostas que categorizam a relação entre ciência e religião como harmoniosa. Tal resposta foi dita principalmente pelos homens (15,2%), estando em terceiro lugar entre o grupo de análise mais dito por estes. Tal concepção denota a coexistência das realidades (ciência e religião), como também sugere que estas atuam em momentos diferentes da vida dos sujeitos.

O quarto grupo de análise abrange as respostas dadas pelos (as) estudantes que se referem a posturas individuais frente às questões de embate entre ciência e

religião, esta é uma postura indicada principalmente por aqueles que verificaram conflito (20%) entre ciência e religião, e entre mulheres (19,2%), evidenciando assim, através das respostas dadas que há conflito entre ciência e religião no ambiente universitário, mas que participar ativamente deste conflito ou não é uma escolha individual.

A categoria “Conflito nas Disciplinas e Teorias” se assemelha muito à categoria de número 2, referente a noção de que ciência e religião possuem diferentes perspectivas e explicações, contudo, a categoria de análise número 5 volta-se mais especificamente aos momentos em que as disciplinas da universidade trazem conteúdos que se opõem às explicações dadas pela fé.

Ao indicar conflito, esta categoria foi escolhida em sua maioria por estudantes dos cursos de Ciências Biológicas, Química e Física, como pode ser exemplificada pela fala¹⁴ do “Estudante A¹⁵”: “Existe um conflito, por exemplo, na minha área onde as teorias físicas vão conflitar as crenças de diferentes religiões, não só o cristianismo” (ESTUDANTE A).

Sendo ressaltado especialmente o conflito entre as teorias do surgimento do ser humano - criacionismo e evolucionismo - como explicita a “Estudante B”: “Existem momentos de conflitos em função de boa parte do desenvolvimento da teoria científica vir de uma base evolucionista em oposição a criacionista” (ESTUDANTE B).

A categoria de análise 5 (Conflito nas Disciplinas e Teorias) obteve maior adesão entre as mulheres (14,9%), sendo selecionada principalmente por aqueles que indicaram uma relação de neutralidade (15%) e harmonia (13,3%). É possível pressupor que este agrupamento ocorre devido ao fato de que mesmo que o conhecimento científico no meio universitário discorde das ideias propostas pela fé das (os) estudantes, há um esforço consciente para que não haja embates entre estes em sala de aula, logo, os sujeitos não percebem problema na relação entre ciência e religião.

Ressalta-se ainda que alguns (algumas) estudantes evidenciaram a importância do estudo das religiões em seus cursos enquanto fenômeno cultural e produtor de sentidos. Sendo percebida também a importância do viés religioso no

¹⁴As frases utilizadas foram extraídas da coleta de dados realizada com os estudantes das licenciaturas da UFPR como forma de justificar a sua percepção da relação entre ciência e religião.

¹⁵Com o intuito de preservar o anonimato dos estudantes, foi atribuída uma letra aleatória para a identificação dos mesmos.

debate de determinadas áreas, como a filosofia por exemplo: “No curso de filosofia a religião está no curso desde o princípio, a religião é uma condição suficiente para os questionamentos da transcendência” (ESTUDANTE C).

Tal percepção também pode ser averiguada a partir da fala da “Estudante D” :

“A religião é uma forma não científica de explicar a sociedade. A religião na academia é um objeto de estudo, de vidas das pessoas e uma forma cultural, mas do ponto de vista metodológico a religião é incompatível pois não segue critérios científicos”.(ESTUDANTE D)

A categoria descritiva que abrange a “Pluralidade de Visões e Relatividade dos Conflitos” volta-se ao conceito de coexistência entre ciência e religião, bem como a ideia de que estas funcionam em momentos diferentes, assemelhando-se à terceira categoria, diferenciando-se apenas no que se refere ao fato de que esta categoria foi a mais expressiva entre as (os) estudantes que indicaram uma relação de harmonia entre ciência e religião (26,7%), bem como foi a segunda categoria mais citada entre os homens (13,8%).

Por fim, no que tange ao grupo descritivo que trata sobre “Relatividade e Indiferença”, este é composto principalmente por aqueles que consideram a relação entre ciência e religião de modo conflituoso (16,7%), o que pode indicar em maior ou menor grau um certo desprezo pelos saberes religiosos. Como pode ser exemplificado pela fala da “Estudante E”, ao considerar a religião a partir de uma conotação negativa: “Considero a religião um regresso perante determinadas situações” (ESTUDANTE E). Ou ainda a invalidação do saber religioso em função deste não seguir o método científico, pelo “Estudante F” ao afirmar que “Só é conhecimento válido o que pode ser comprovado empiricamente” (ESTUDANTE F).

Como também nesta mesma categoria foram identificadas falas de estudantes que estabelecem a sobreposição dos saberes religiosos em detrimento ao conhecimento científico, conforme as falas destacadas das “Estudantes G e H”: “Temos questionamentos, mas tudo está escrito nos livros sagrados” (ESTUDANTE G); e “A ciência não anula a minha fé” (Estudante H);

A postura que nega o saber científico é perigosa, visto que tende ao fundamentalismo¹⁶. O campo educacional, especialmente a formação docente na

¹⁶Segundo Paine (2010), o termo fundamentalismo surgiu no começo do século XX para denominar grupos cristãos que se caracterizavam a partir da interpretação literal da Bíblia. Atualmente este mesmo termo ganhou a dimensão da tendência à medidas radicais de militância e imposição de suas crenças, a não abertura ao diálogo baseada em “verdades absolutas” e a submissão cega a uma figura de autoridade. Apesar de o senso comum associar tais características a grupos religiosos, o

universidade pública deve proporcionar a aquisição do saber científico e o diálogo intercultural com vistas a promover os princípios de igualdade, liberdade, pluralismo, tolerância e respeito à diversidade nas práticas educativas (BRASIL, 1996), ideais estes que a escola, ao atuar como uma instituição que educa de modo intencional e sistemático, tende a disseminar ou silenciar, de acordo com a base ideológica dos sujeitos que a compõem (SILVA, 2014), uma vez que não há imparcialidade e que todos agem fundamentados em uma ideologia, restando-nos apenas o questionamento de que se a base ideológica que nos move é inclusiva ou excludente. (FREIRE, 1996).

Visto que, partindo de uma perspectiva da confessionalização dos saberes, professores religiosos tendem a impor os saberes de suas religiões em detrimento ao conhecimento científico, ao passo que promovem o silenciamento das demais crenças religiosas (especialmente aquelas de matriz africana) no ambiente escolar. Destarte a escola deixa de ser um espaço de produção de conhecimento e de diálogo intercultural e propõe a assumir a postura de reprodução e perpetuação das estruturas de poder/saber vinculadas ao cristianismo.

É possível verificar a partir da análise destes dados que homens e mulheres afirmam a existência de conflitos entre ciência e religião em conformidade com o que é estabelecido pelo senso comum, no entanto, a maneira como esta relação é percebida e os afeta, bem como as justificativas atribuídas por tais estudantes estão fortemente vinculadas ao gênero.

Percebe-se nas estudantes mulheres um percentual maior de estudantes que percebem a relação de modo harmônico (40,4%), seguidas pelas estudantes que percebem de forma conflituosa (36,2%). Destaca-se a pequena diferença percentual entre um grupo e outro (4,2%), bem como, que a natureza da relação percebida pelas mulheres está vinculada às categorias “conflitos de explicações e perspectivas” e “influência individual e tolerância”, o que pode estar vinculado ao seu forte engajamento religioso, o que as leva a perceber maiores diferenças entre os saberes religiosos e o conhecimento científico, de modo a buscar uma espécie de conciliação entre estes.

Entre os estudantes homens, verifica-se percentuais iguais de universitários que declaram uma relação de harmonia e uma relação de conflito entre ciência e

fundamentalismo pode ser exercido em outras esferas sociais, como em grupos políticos, por exemplo.

religião (37,1% em ambos os casos), do mesmo modo, é possível constatar que as justificativas mais utilizadas pelos homens foram “conflitos de explicações e perspectivas” (27,3%) e “Pluralidade de visões e relatividade dos conflitos”, estima-se que o uso de tais justificativas esteja atrelado ao baixo vínculo de estudantes homens com religiões institucionalizadas, de modo que para estes é indiferente como se dá esta relação.

O nível de engajamento religioso, bem como o nível de espiritualidade e religiosidade dos sujeitos influencia diretamente nas percepções estabelecidas, de modo que é possível sintetizar as falas das (os) estudantes - para além das categorias de análise - por meio das noções de integração, sobreposição, complementaridade e antagonismo. Tais noções podem ser observadas também na literatura que trata sobre a interseccionalidade entre religião, docência e gênero, o que evidencia a importância do debate e da produção de conhecimento nesta temática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de dados realizada é possível observar que os cursos de licenciatura são compostos majoritariamente por mulheres, e estas, por sua vez, possuem um intenso engajamento religioso que é expresso a partir da autodeclaração das estudantes ao pertencimento de um grupo religioso específico. Elas são maciçamente evangélicas, sendo que o número de estudantes que declaram a múltipla pertença é maior que o número de estudantes que afirmam pertencer ao catolicismo. A frequência ao local de devoção das universitárias se dá ao menos uma vez por semana e é comum a realização de uma grande quantidade de práticas religiosas em seu cotidiano.

No que se refere aos estudantes homens, estes possuem o perfil religioso caracterizado pelo baixo ou nenhum envolvimento com práticas religiosas institucionalizadas, sendo uma minoria que declara pertencer a um ou mais grupos religiosos, de modo que dos 34 homens, apenas 7 afirmaram pertencer a alguma denominação religiosa. São poucos os licenciandos homens que frequentam um local de devoção, no entanto, há uma quantidade significativa de homens que consomem entre 1 e 9 conteúdos religiosos, o que pode estar vinculado ao conceito dos religiosos sem religião proposto por Novaes (2004).

Os (as) estudantes homens e mulheres possuem uma visão semelhante a respeito do que é espiritualidade e do que é religião. A espiritualidade foi concebida por intermédio da subjetividade e do encontro consigo mesmo, em que a fé se dá a partir do encontro com o transcendente no cotidiano.

A religião, por sua vez, foi conceituada a partir das noções da mesma enquanto uma instituição com regras e comportamentos pré-determinados, sendo expressiva também a noção de religião como uma comunidade.

Ao falar a respeito do modo como os (as) licenciandos (as) se percebem em relação à religião e a espiritualidade, as mulheres tendem a atribuir a si mesmas um alto nível de engajamento nos dois aspectos. Já os homens, afirmam um baixo nível de envolvimento religioso - em conformidade com o perfil traçado anteriormente - mas consideram-se fortemente espiritualizados, de modo que para eles, para que ocorra o contato com o sagrado, não é preciso, necessariamente, de um vínculo institucional.

Em um primeiro momento, é possível afirmar que homens e mulheres possuem uma visão semelhante da relação entre ciência e religião, percebendo-a como harmoniosa, contudo ao verificar a natureza da relação percebida por estes através da criação das categorias de análise, foi possível perceber que o fator gênero influencia na maneira como a concepção da relação entre ciência e religião é elaborada.

Para as estudantes mulheres, há forte destaque nos grupos analíticos os quais evidenciam a compreensão de que ambas as áreas atuam de jeitos diferentes, como também o apreço à tolerância, de modo que a partir da leitura das falas das licenciandas é possível levantar hipóteses de que estas entendem que ciência e religião podem agir de forma complementar em alguns casos ou ainda, de que as licenciandas tendem a realizar sobreposições de uma área do conhecimento em detrimento da outra. Ambas as possibilidades são válidas em função do forte nível de engajamento religioso das estudantes, como também devido a maneira que culturalmente a nossa sociedade conduz a mulher relacionar-se com a religião.

Também é possível conjecturar sobre o modo como as mulheres concebem a relação entre ciência e religião a partir da ênfase em suas falas a respeito de posturas individuais exercidas por elas, o que pode indicar um certo grau de discordância - ainda que tímido-, em relação aos preceitos e imposições religiosas. Contudo, tal afirmação só poderia ser feita com segurança através do aprofundamento em uma pesquisa qualitativa.

Os estudantes de licenciatura homens tiveram maior adesão aos grupos analíticos que justificam a sua compreensão da relação entre ciência e religião por meio da percepção da existência e relativização dos conflitos, os estudantes também utilizam-se da compreensão de que no meio social há uma pluralidade de visões e percepções, noções estas que podem estar vinculadas ao fato de que os estudantes analisados possuem um baixo engajamento religioso, logo, tratam este assunto com indiferença.

Destaca-se também que as justificativas dadas pelos (as) universitários (as) analisados (as) encontram-se em conformidade com a literatura a respeito das imbricações entre formação docente, gênero e religião, como também é possível observar semelhanças com as classificações e conceitos estabelecidos pelos (as) autores (as) a respeito da relação entre ciência e religião.

Investigar o modo como os estudantes das licenciaturas concebem a relação entre ciência e religião nos auxilia a compreender de que maneira esta temática é trabalhada - de forma mais ou menos intencional e consciente - na Educação Básica, visto que, em muitos aspectos, as (os) professoras (es) religiosas (os) tendem a reproduzir o conhecimento religioso em detrimento aos saberes transmitidos em sua formação inicial nos cursos de licenciatura.

O ato de educar exige o convívio com o outro e com as suas idiossincrasias (SILVA, 2014), logo, a escola e a (o) docente devem estar preparados para promover a construção do saber científico e o diálogo com culturas diferentes da sua. Nesse sentido faz-se necessária a luta por uma educação mais plural, diversa, laica e equânime tanto nos aspectos teóricos e curriculares, como na vivência cotidiana, com vistas a construção de uma educação pública pautada nestes ideais.

Ressalta-se aqui a importância das formações inicial e continuada na constituição do sujeito docente, como meio de reflexão, ampliação de seu repertório e construção de sua identidade enquanto educador, dado que as experiências de vida do (a) professor (a) tendem a influenciar em sua prática, especialmente nas relações que se estabelecem entre ele (a), os demais sujeitos que compõem a escola e o objeto de conhecimento (SILVA, 2014).

Nessa perspectiva, reforça-se a importância da realização de estudos mais aprofundados a respeito da intersecção entre docência, religião e gênero. Enfatiza-se aqui também a importância da pesquisa a respeito dos impactos de outras religiões (não cristãs) no fazer docente, dado que a maioria das publicações na temática abordam apenas as religiões cristãs, de modo que as outras denominações religiosas - quando são citadas neste debate -, são tratadas de maneira muito breve, quase como uma nota de rodapé.

Trazer outras religiosidades para o debate acadêmico implica em abrir-se à experiência, a apreender novos sentidos e possibilidades através do diálogo com o outro em sua alteridade. Dar voz e visibilidade às diversidades de modo a viabilizar o diálogo com outras formas de compreender o mundo é um importante passo para a construção da educação e da sociedade que queremos, mais diversa e mais plural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ALMEIDA, Ronaldo. de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 50, 2017.

ALVES, Rubem. **Rubem Alves essencial**. Editora Planeta do Brasil, 2015.

AVELLAR, Joseane Zacché. A RELIGIÃO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO OU ALIENAÇÃO DO SUJEITO SOCIAL: A TEOLOGIA EM RUBEM ALVES. **IN TOTUM-Periódico de Cadernos de Resumos e Anais da Faculdade Unida de Vitória**, v. 4, n. 2, 2017.

BARBOUR, Ian. **Religion and Science**. New York : HarperOne, 1997.

BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. Tradução de Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004.

BERTOLIN, Josué. **Ciência e fé em debate: perspectivas históricas**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997 , p. 21.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Diversidade religiosa e direitos humanos**. 3ª ed. Brasília: Editora União Planetária, 2013, p. 9-10.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 dez. 1996.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>

BROOKE, John Hedley. Science and Religion: Some Historical Perspectives. **Cambridge University Press**, 15ª edição, 2006.

CAMURÇA, Marcelo. Os “sem religião” no Brasil: juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3, p. 55-70, 2017.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Um poder evangélico no Estado Brasileiro? mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro. **Revista Nupem**, v. 12, n. 25, p. 82-104, 2020.

CAPITANIO, Ana Maria. Gênero e crenças religiosas de professoras do Ensino Fundamental I. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, 2013.

COUTO, Márcia T. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. **ANTHROPOLÓGICAS**, ano 6, volume 13(1): 15-34, 2002.

COUTO, Márcia Thereza. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. **Revista Antropológicas**, v. 13, n. 1, 2011.

CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. **Designing and conducting mixed methods research**. 2nd. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.

DA ROSA, Renata Vidica Marques. **Feminização do magistério: representações e espaço docente**. 2011.

DA SILVA, Lisiana Lawson Terra. Mulheres e o mundo do trabalho: a infindável dupla jornada feminina. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, v. 3, n. 1, p. 120-131, 2019.

DE ALMEIDA, Luciane Pinho; SAMPAIO, Jorge Hamilton. Extensão universitária: aprendizagens para transformações necessárias no mundo da vida. *Revista Diálogos*, v. 14, n. 1, 2010.

DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE. Religião. In: **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 2023a. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/religi%C3%A3o/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE. Espiritualidade. In: **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 2023b. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ESPIRITUALIDADE/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

DORVILLÉ, L. y ESCOVEDO, S. (2009). Conflitos e tensões entre ciência e religião nas visões de mundo de alunos evangélicos de uma licenciatura em ciências biológicas. **Enseñanza de las Ciencias**, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación em Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 2750-2754. Disponível em: <http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-2750-2754.pdf>

DOS SANTOS, Anélia dos Santos Marvila; SIMÕES, Marvila; SALAROLI, Tatiane Pereira Pereira. O retrato da intolerância religiosa no Brasil e os meios de combatê-la. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 5, n. 2, p. 411-430, 2017.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 01, p. 139-159, 2004.

FERNANDES, Sílvia. “A (re)construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença.” **Revista IHU On-Line**, jul. 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511249-estamos-falando-de-re-construcao-de-identidade-religiosa-entrevistaespecial-com-silvia-fernandes>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: Da constituinte ao impeachment**. Tese de doutorado da Universidade Estadual de Campinas. 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GORETH SANTOS, Maria. Os limites do Censo no campo religioso brasileiro. In: **Comunicações do ISER**; Religiões em conexão: números, direitos, pessoas. 2014.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001.

KNOBLAUCH, Adriane. Religião, formação docente e socialização de gênero. **Educação e Pesquisa**, v. 43, n. 3, p. 899-914, 2017.

KNOBLAUCH, Adriane. Intercâmbios e hibridismos entre a formação docente e a religião. In: SETTON, M, G. J. (org.) **Sociologia da socialização: novos aportes teóricos**. São Paulo: FEUSP, 2018, p. 206-228.

LAGE, Igor. Nacional e de graça: Aluno da UFMG desenvolve versão para Windows de software de análises estatísticas. **Boletim da UFMG**. n. 1673, ano 36, 26 out. 2009. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1673/3.shtml>. Acesso em: 11 jun 2023.

LIMA, Aline Pereira; DE STEFANO MENIN, Maria Suzana. O papel dos valores religiosos em escolas públicas do interior paulista. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 1, n. 2, 2006.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 387-396, 2005.

MEIRELLES, Mauro. O processo de transnacionalização religiosa ao Sul da América: reconstruindo percursos e narrativas míticas. IN: ORO, Ari Pedro, RODRIGUES, Donizete (orgs). **Transnacionalização religiosa: Religiões em Movimento**. Porto Alegre : CirKula, 2015. p. 173 - 195.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander et al. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 37, p. 12-15, 2010.

NOVAES, Regina. Os jovens 'sem religião': ventos secularizantes, 'espírito de época' e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, v.18, n. 52, p. 321-330, 2004.

PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 8, n. 18, p. 9-26, 2010.

PARANHOS, Ranulfo et al. Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, v. 18, p. 384-411, 2016.

PIERUCCI, A. F. Religião como solvente – uma aula. **Novos Estudos Cebrap**, n. 75, p. 111-127, 2006.

PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 9, 2009.

QUINTANS-JÚNIOR, Lucindo José et al. ChatGPT: the new panacea of the academic world. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 56. 2023.

RODRIGUES, Wellington Gil; MOTTA, Rosilene Silveira Santos. Relações entre ciência e religião na perspectiva dos professores da Faculdade Adventista de Fisioterapia (FAFIS). **Práxis Teológica**, v. 7, n. 1, 2011.

SAAD, Marcelo; MASIERO, Danilo; BATTISTELLA, Linamara Rizzo. Espiritualidade baseada em evidências. **Acta Fisiátrica**, v. 8, n. 3, p. 107-112, 2001.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. As religiões como agentes da socialização. **Cadernos Ceru**, v. 19, n. 2, p. 15-25, 2008.

SCAVONE, Lucila. Religiões, gênero e feminismo. **Rev Estudos da Religião**, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2008.

SCHELIGA, Eva Lenita; KNOBLAUCH, Adriane; BELLOTTI, Karina Kosicki. Vínculos religiosos entre estudantes universitários: comparações entre licenciatura e bacharelado. **Educar em Revista**, v. 36, 2020.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 16, n. 2, Porto Alegre, jul/dez 1990.

SILVA, Maria da Anunciação Conceição. Formação docente: do infinito ao particular! Narrativas sobre gênero, raça e religião. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 125-136, 2014

SIMÕES, Anélia dos Santos Marvila. A educação como recurso no combate a intolerância religiosa. **IN TOTUM-Periódico de Cadernos de Resumos e Anais da Faculdade Unida de Vitória**, v. 5, n. 1, 2018.

SOUZA, Sandra Duarte de. A relação entre religião e gênero como um desafio para a sociologia da religião. **Caminhos**, v. 6, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 2008.

SOUZA, Sandra Duarte de. Representações de gênero na literatura evangélica. **Estudos de religião**, v. 31, n. 3, p. 317-331, 2017.

TEIXEIRA, Pedro; ANDRADE, Marcelo. Entre as crenças pessoais e a formação acadêmica: como professores de biologia que professam fé religiosa ensinam evolução?. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 20, p. 297-313, 2014.

TEIXEIRA, Pedro. Evolução x Criacionismo na escola: quais os objetivos do ensino de biologia. **Anais... XVII ENDIPE. Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade**. Fortaleza: EdUECE, p. 2092-20102, 2016.

URBANO, Ana Maria. Conflito entre ciência e religião para alunos das licenciaturas e dos bacharelados da UFPR. **Relatório final de Iniciação Científica**. Curitiba, PR : UFPR, 2020.

VALENTE, Gabriela Abuhab. A religiosidade na prática docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 98, n. 248, p. 198-211, 2017.

VALLE, Edênio R. **Psicologia e Experiência Religiosa**. São Paulo: Loyola. 1998.

WOODHEAD, Linda. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. **Revista de Estudos da Religião**, n. 1, p. 1-11, 2002.